

5-2-173



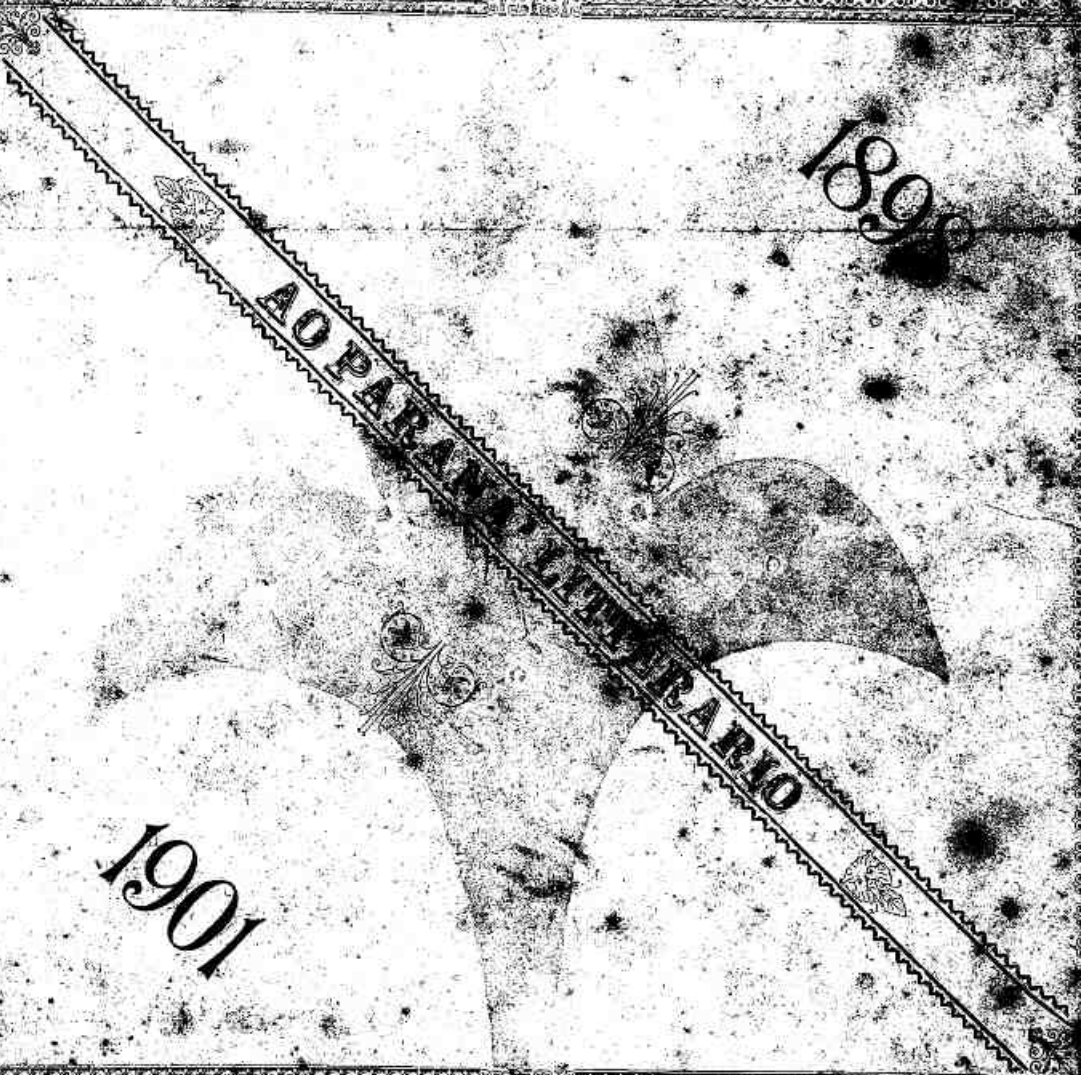
ANNO IV

REDACÇÃO
Rua 15 de Novembro, 51
PARANÁ - BRAZIL

Curityba - Março - 1901

ASSIGNATURAS
Trimestre 1800
PAQUMENTO-ADIANTADO

N.º 3



"O SAPO"

Curitiba, 6 de Março de 1901.

O moço que entre-avistou na penumbra do seu espirito o candido perfil da Arte, debuchado em linhas mysteriosas e indecisas, e por ella manejou a penna, e por ella travou d'um broquel para resguardal-a dos ataques dos obececados e nullos, tem contra si uma legião famélica crocitantoums apupos articulados com os vocabulos baratos d'uma synonymia cassange.

Mas, chegou-nos tambem a vez de dizer, sem allusão nem pretensão: « coaxar de sapos não attinge estrellas »

Isto quanto aos lorpas.

Agora aos Mestres.

A Arte litteraria, no Brazil como em toda a parte, tem Apostolos de toda a especie.

Estes subdividem-na em varias seitas, onde reinam sob a égide da verdade que proclamam.

E' faccinadas pelo esplendor de sua Epopeia, ou no delirio do seo Satanismo, ou tristes no seo Epicédio, ou mystificados pelo seo Symbolismo, elles não vêm Arte senão nos reductos onde operam.

Taes raciocinios, infelizmente, não são uma utopia, pois são nascidos d'uma observação oxigenada pela mais ampla independencia de espirito, nos tres annos em que "O Sapo" vem assignalando-as nossas « preoccupações litterarias ».

A tarefa que emprendemos com a publicação do "O Sapo" nos tem sido penosa desde o seo inicio.

Mas isso muito naturalmente...

Luctamos (e vencemos, o dia de hoje o diz) contra uma serie ininterrupta de *opiniões*, pois, como mais acima deixamos entendido, cada Artifice tem um prisma diverso, por onde encara a Arte em suas varias manifestações.

Luctamos mas vencemos, animados pela Fé que sempre nutrimos.

Todavia "O Sapo" não podendo se generalizar chegou até hoje, conduzido pelo natural dos nossos espiritos, embora os nullos nos apedrejassem e alguns Mestres nos regateassem os seus applausos.

Do pouco que temos feito em prol das Lettras, eis aqui o attestado irrefutavel e eloquente:

"O Sapo" com o presente numero commemora o 3.º anniversario da sua iniciação nos Mysterios da Arte.—

Saudações

A distincta Redacção d'«O Sapo»

Entretecidas em alegres festões de flores, envio á illustrada Redacção d'«O Sapo» as mais espontaneas saudações pelo 3.º anniversario d'esta sympathica Revista, cuja existencia com tão brilhante e espirituoso desassombro seus distinctos fundadores e collaboradores tem sabido alimentar.

Impellida pelo intimo prazer que em mim despertam todas as manifestações do sentimento artistico, termino endereçando-lhes este sincero *encouragement*:
Avante!

Mariona Coelho.

PARA "O SAPO"

I

O demonio do Enfado havia desdobrado as asas sobre o mundo...

E atravez suas negras asas as Estrellas, além, pareciam desmaiar de Tédio; desviavam os seus olhares puros da Terra.

O Homem curvou a fronte e resignou-se a morrer do *spleen* universal.

O Tédio avassalara tudo.

II

O Nojo dominava o mundo porque os Astros tinham se velado.

Porque volveram seus olhares as Estrellas?— Os homens olhavam para o solo; a vida era toda de ma-

teria. Só nos paúes um ser ainda contemplava os astros. As Estrellas volveram seus olhares e o Tédio tudo avassalou.

III

Na Terra a resignação passiva foi absoluta. Só dos paúes, verdes de Nojo, começou a se elevar um côro melancolico e monotonico, harmonia de soluços e ais.

Era um protesto contra o Tédio?... Era uma prece?... Era o ser que ainda contemplava os Astros que morria de *Spleen*, porque elles se apagavam.

E as Estrellas de novo volveram para o mundo os seus olhares; e o demonio do Enfado dobrou as asas.—

IV

O coaxar dos Sapos chegara até aos Astros...

Coritiba—Fev. 2º—1.

Vivaldi Coaracy

Vista da missa campal no largo Ourvidor Parolinho em Curitiba



No dia 3 de Maio de 1900

LUX INTIMA

Seu lindo olhar... que magia!
Tem o encanto natural,
O perfume, que inebria,
D'uma essencia oriental.

Meigo como a cotovia
Ao desabrochar da aurora,
Tem essa doce harmonia
D'uma petala que chora.

Rociada e chrySTALLina,
Ao nascer da madrugada,
E ao saudar a luz divina
Mostra a face descorada.

Esse olhar suave e amono,
Que me embriaga e seduz,
Como o olhar do Nazareno,
E' todo amor, todo luz!

Quando o sol abre o seu manto
— Mixto de oiro e de purpura,
Beija a flor mimosa e pura:
E, assim, enxuga-lhe o pranto;

E a planta, languida e molte,
Qual gentil filhinho loiro,
Recebe os beijos do sol
— Essa ardente pomba d'oiro!

E' assim o seu olhar:
Como o sol é para a planta,
Me dá vida e luz e encanta,
Quando o sinto radiar!...

Tissira Coelho.

Tempos de escola

A' Leocadio Correia

Foi n'um sabbado. O sol amarelado e brilhante, como hoje não vejo, doirava os vermelhos telhados da cidade.

Oh! bello sol da minha infancia!

Que saudades, que doridas saudades me confrangem a alma quando relembrar esses dias felizes...

Iamos todos, calças curtas, um fino cigarrinho preso aos labios, iamos todos para a escola. Um livro e um caderno de escriptas eis tudo que levavamos. No bolso de dentro do casaco um cadrenito para as notas de comportamento e applicação, que dava o mestre.

Nelle levava eu, quando de volta para casa, o prenuncio de um sorriso ou de um ralho da minha santa mãe. Oh minha mãe, minha mãe querida, que saudades d'esse tempo!

No outro bolso levava eu um appetitoso pão com marmelada e lá embaixo entre as meias e as botinas iam esmigalhados os finos cigarrinhos. E com tudo isto estava eu e estaria qualquer um dos meus companheiros habilitado para passar das nove ás tres da tarde preso ao duro banco da vasta aula.

No dia anterior tinha dito o mestre com uma voz fanhosa e implicanté, limpando os seus tradicionaes oculos escuros: «Amanhã sabbatina geral. Ninguem falte».

Entravamos todos na escola e, segurando com a mão esquerda os livros e o chapéo, estendiamos a direita para o mestre, dizendo quasi em gritos: «Bons dias, professor». Pegava então elle nas nossas mãos e para responder empurrava-nos mansamente para o lado do cabide. Lá ficavam os nossos chapeosinhos. Ia começar o celebre dictado. «Esqueci-me da penna, pro-

fessor. Não tenho para escrever», dizia um coçando a cabeça com a penna presa entre os dedos. Outro lá do fundo gritava pondo o já enrolado caderno no bolsinho da calça: «Eu não tenho caderno, o meu acabou-se».

«Os que não têm caderno e objectos para escrever venham cá para passar contas», disse por fim o velho e carrancudo professor publico depois de ter assoado o enorme e esburacado nariz.

Um murmurio prolongado levantou-se da pequena multidão de collegas. Nunca o professor tinha passado contas em dia de sabbatina. Entretanto lá foram os queixosos. Uma rachada, velha e desafinada campainha fez ouvir o seu som e um silencio mais ou menos regular fez-se na vasta sala. Começava então o dictado. Ah que vontade tinha eu de lançar para o lado a minha innocente penna e de sahir para a rua, correndo! Oh que vontade! «...ponto, Datem e assignem», dizia por fim o cacete mestre. Seguiu-se então a sabbatina á bolos. «Venha a primeira classe». Levantamos. Eu era da primeira classe levantei-me tan bem. FERMAMOS um semi-circulo em roda do carunchoso estrado.

«Cinco vezes cinco?» perguntou o mestre olhando-

me por cima de seus oculos escuros. Distrahiadamente conversava eu na occasião. Não entendi a pergunta e pensando que tratava-se de substantivo, respondi-lhe: «E' a palavra que designa pessoa ou coisa, como Camões, casa: é o sujeito por excellencia.» «Venha cá, menino», disse o algóz, tirando da gaveta a enorme palmatória. Cheguei-me para a meza. «De-me a mão». Estendi-lhe a mão sem pestanejar. Deu-me bolos; não os senti porque a dor de minha alma sobrepujava a de



Cascatinha do Uvú, a 4 kilometros da Curitiba, em terrenos de propriedade do Sr. Nicoláo Pinto Rebello

minhas mãos. «De joelhos» disse o preceptor. Um ca-frio rapido e cortante estremeceu minha alma... Era demais e eu... não ajoelhei. Todos me olharam espantados. Fui um heroe! Já previa os louros da victoria, já via todos os collegas rodeando-me e elogiando o meu procedimento quando novamente a voz do cacete ecoou terrivel «De joelhos!» Conservei-me em pé. «Fora da aula» Corri para o meu chapelito com a sofreguidão da avé que conseguí a liberdade Sahi chorando, correndo para casa.

Extranhaste a hora de minha chegada, minha santa mãe... Advinhaste tudo. Correste para mim, olhos rasos d'agua, de braços abertos. Cahí nos teus braços soluçando como louco...

Não me ralhaste e deste-me um beijo orvalhado de lagrimas. Não entendi teu beijo. E' que elle encerrava o segredo de teu amor de mãe.

Foi esse o meu primeiro castigo e depois quantos me têm lacerado a alma.

ESQUELETO

Este é o louco Ideal que anda na aza da Prece,
N'um fervoroso afan, n'uma aflicção extrema.
Rondando o Azul arqueado e mudo que parece
Guardar a immensa flor da Aspiração Suprema.

E' d'elle a luz astral que brilha e que estremece...
E embora o louco chore, ou cante, ou grite, ou gema,
Conserva a mesma cor o lyrio que fenescce
—Se o louco não murmura uma oração blasphema!

Sua alma, velha já, não nutre mais a creação
Nesse futuro d'ouro esplendido e risonho
Que foi outr'ora a sua aspiração immensa!

Conserva entanto, a rir, um esqueleto aberto
De *alguem* que andou chorando entre a Loucura e o Sonho.
Por este ardente areal intermino e deserto.

Generoso Borges.

O "SAPO"

Fóra da cidade, passeando os meos ocios forçados por um dos suburbios mais pittorescos da planície paranaense, onde a natureza derramou á flux os primores de seo cofre immenso, e inexaurível, não lhe faltando mesmo para complemento, a orchestra magestosa dos sapos que por estas alturas armaram a sua tenda secular:—fui, nesse meio, surpreendido com um amavel convite para collaborar n'este numero especial da symphatica Revista, que entra cheia de garbos e florescente no quadriennio de sua gloriosa existencia.

A' tanta galanteria, a minha gratidão desvanecida.

Ha de ser pallida a homenagem de um neophito nas lettras, quando o vôo rutilo dos bellos escriptores enchem, d'esta vez, com mais apparato as columnas cinzeladas a ouro do preponderante e symphatico hebdomadario.

Entremeia-se, assim, na trajetoria do «Sapo», no dia do seo grande e plausivel jubilo, uma nota dissonante, como que a sombreal-o no seo amplo descortino de glorias...

Seja, embora, essa a verdade, mas os leigos, á falta de esplendor, correspondem sinceros a uma grata saudação.

E eu noto esta folha no albor do seo predomínio, ridente de esperanças, com nomes feitos no culto ideal, servindo-lhe de paranympfos em sua carreira magestosa e deslumbrante.

Vejo cruzarem-se em suas columnas as melodias dos cantores alados, enfeixando-a de tropheus, culminando-a de affagos, como bemdicto convite para agremiação dos talentos esparsos, e estímulo aos que ensaião os passos no convivio do bello.

Vejo-a, ainda mais, sob as vistas de dous valentes pionniers que não se furtam a lides e que não descançam a sombra dos louros colhidos.

E assim o meo brinde ao «Sapo», a galante Revista, congloba-se em dous nomes, que, dia a dia, a enaltecem. —

A Leocadio Correia e Leite Junior os meos cordiaes applausos. —

São elles os propulsores das lettras patrias, são os

victoriosos do dia, porque a força, de talento, trabalho e dedicação, o «Sapo» impõe-se na galhardia e verve de seus escriptos.

E lá fóra, no terreno da litteratura, o nome paranaense adquirio fóros que desvanecem os filhos deste canto do Brazil.

Avante, pois!

Rosario Cor:êa.

Paranaguá—Rocio:

NAUR

Elle esmollava sempre!

Tinha nos labios o sorriso forçado da Dor que punge e dilacera, seu rosto de marmorea pallidez era melancholico como os dias obumbrados por pezados nevoeiros pardacentos e frios.

Quando, com sarcastica indifferença, cruelmente, atiraram-nô ao abysmo do Desespero horripilante, seus labios, em ~~salmo~~ salmos de beijos, osculavão outros, rozeos e adoraveis, frescos como as magnolias que sorriem na campina ao primeiro afago de purpurina aurora, rubros como o fogo sagrado de uma pyra encantadora e phantastica; seu rosto então chumbado pelo cynismo dos que imploram o obulo da Caridade, tinha o brilho lucido da verdadeira felicidade que irradia e fascina...

Nayr, porem trahio-o e passagairá como o colibri que esvoaça de flor em flor, fugio, roubando-lhe a Suprema ventura que habitava em a concha nacarina de seus labios rubros e traidores, onde as juras de um amor fermentido bailavam hypocritamente.

E quando, pela pedra fria em que dorme, ao luar baço de uma noite fria de Maio, passa um amante cantando beijos aos labios de sua amada, elle, o miseravel ludibriado, murmura entre lagrimas e risos:— eu tambem osculei labios rozados, e d'elles colhi o fél amargo de todos os pezares.

Olegario Lisboa.

Voz chrystalica

Ao Leocadio Correia

Se escuto a melodia
de sua voz chrystalica, me invade
uma estranha alegria
e me engolfo no mar da alacridade.

A' plaga azul do encanto
ascendo a rir, ouvindo-lhe a suave
voz que me enleva tanto
como o doce gorgojo de uma ave.

Basta escutal-a para
sentir pulsar o coração risonho
e me invadir a rara
alegria de quem vive n'um sonho.

Adolpho Werneck.

EU

Carta a Leocadio Correia.

Para o mundo uma pustula de tédio
Quando entrei a soffrer do mal da Vida;
Resoava pela Terra um epicedio
Evocando o Nirvana por guarida;

Havia em toda a parte um côro imenso
De maldições e gritos de agonia;
Era o soffrer da Humanidade intenso
Como intensa era então a luz do dia...

Nasci: e desd'então rapido augmenta
A pustula maldicta, d'esse tédio
Que se alarga, nojenta e pardacenta,
Até ao fim do funebre epicedio.

Minh'alma achrysolou-se no Desgosto;
Quiz fugir á lembrança de que vivo,
Bebi o r. bro-vinho do Sol-posto
E pela embriaguez tornei-me ativo.

Por isso tu me vêes cont' soberbia
Fugir á comminhão da Sociedade,
Por isso é que fui máo, por isso um dia
E' que escarrei em toda Humanidade.

Mas tu de certo me has de comprehender,
Tu que soffres, como eu, do mal do Nojo,
Tu que como eu tiveste o arrojo
De a estupidez humana escarnecer.

Vamos pois pelo nosso ceo do Sul,
Deixando a nossos pés toda de rastros
A Humanidade, vamos ver no Azul
Si o Tédio já subiu até aos astros...

Coritiba—20—2—901.

Vivaldi-Coaracy.

Cartão

LEOCADIO

Saudações.

Deverás saber que é sempre com sincera satisfação que envio os meus escriptos para o teu adoravel Sapo, que, seja dito de passagem, é, hoje, uma necessidade para a nossa adiantada Curitiba, tal a orientação que tem'elle tido, o que, de alguma forma, reflecte-se sobre a tua individualidade, sobre o teu espirito.

Portanto, concordarás, seria summamente injusto esquecer-te n'este dia, em que, ha tres annos exactos, tu, acompanhado desses tres moços illustres, déste, por assim dizer, a NOTA DO DIA, na bella capital paranaense, com a publicação do teu gracioso Sapo, que trouxe, na sua estréa, oindicio inequívoco d'uma conquista victoriosa.

Assim, no decurso destas linhas, eu saúdo o teu merito e, sobretudo, a tua ativez de espirito que tem sabido collocar-te alto, destacando-te da esphera burguezia em que, necessariamente, te iriam impor as preoccupações da vida pratica.

Que o que digo-te é por demais sincero e espontaneo, tu o saberás também, porque, nã minha phrase simples, não verás essa *morbis* tão commum, em nossos dias, na vida intellectual e que manifesta-se, si bem que na mesma essencia, em apparencia biforme:— ou na LISONJA ou na DETRACÇÃO.

O teu Sapo, á meu ver, se tem imposto como acima disse, porque comprehendeu que, n'um paiz como o nosso, a arte, sendo um dos poderosos agentes da instrucção popular, não deve isolar-se ou circumscrever-se a um dado circulo limitado, falseando, assim, a sua nobre missão, de factor do desenvolvimento intellectual.

Na phrase de eminente homem de letras, todos nós somos, mais ou menos, artistas; logo, a arte deve estar na razão directa da comprehensão e do raciocinio, despida, por completo, de falsos preconceitos que, longe de elevarem-n'a, deturpam-n'a.

Mas... ja ia longe e, caceteando-te, esqueci-me que, n'uma simples saudação, estas ideias serião, sinão impróprias, ao menos, fastidiosas.

Eis,ahi o que tenho a dizer-te. Si a minha palavra, como sempre, resente-se da ausencia daquella elegancia e vibração que constituem a selecção dos que sabem escrever, tu desculparás, tanto mais que, actualmente, preoccupações de ordem superior têm, de alguma forma, feito estiolar o *lotus azul* do ideal, que tão avaramente eu tinha cultivado.

Acceita, portanto, as minhas saudações por este dia, semelhante a um expressivo armisticio concedido a esta grande lucta, que, a exemplo da hydra fabulosa, ameaça tragar-nos, cada vez mais; acceita-as e, para não seres egoista, reparte-as com esses tres moços selectos, teus companheiros na primicia das luctas.

Do teu collega
Hypolito Pereira.

AO SAPO

Pelo Seculo que se foi, ronda épica de horas sem conto, que passou em roldão, entre os maiores embates da Aspiração e da Nevrose, inflando maravilhoso brial de normas de Arte e de ancias da Verdade Suprema; e pelo Seculo que começa, sulcando as mesmas vagas de ouro e de sangue e que irá, talvez, zimbrando e destraldando pela sua cordoalha dos cem annos as mesmas flammulas de todas as philosophias e de todas as estheticas; saúdo o cavalheiresco arauto do Humor e das Bellas Lettras, O SAPO, cuja victoria de talento e trabalho tem os seus pólos plantados nos dois Seculos.

Março, 1901.

Silveira Netto.

Nosso amor

Vou traçar alguns versos; quem, do lado,
Puzer os olhos no meu pobre rosto,
Murmurara:—«E' sempre o mesmo desgraçado,
Sempre o mesmo o seu intimo desgosto!»

Porque eu, quando componho... o meu cuidado
E' pintar toda a magua d'um sol posto,
Vendo o papel de lagrimas banhado,
Antes que um verso tenha já composto...

Mas nunca esboço o ultimo verso, nunca!
Vens tu lembrar-me o nosso amor, que junca
Meu caminho de brancos roseiras.

Eis porque, n'este circulo de abrothos,
Pondo em mim e nos homens os teus olhos,
Pareço-te uma pomba entre chacaes!

Ricardo de Lemos.

“O SAPO”

.. A obra brotára dos esforços da pleiade que passa, evahindo entre concepções de ouro, puras de arminho...

Os levitas, — emprehendedores da obra, — cantam o Missal na Cathedral do Sonho; espancam trevas, subindo a escadaria dos consagrados; passaram, atravez da época chata e tacanha, clarinando gloria em meio de duras convulsões, prostrando e vencendo...

Consagra-se hoje um facto que ha tres annos surgiu: — mais uma pagina da historia da nossa evolução litteraria resplandece com brilho immaculo, caracterizando a phase nova que demolio velhos aleijões da nossa nascente litteratura.

A obra é a synthese do genio: — «O Sapo» é um exemplo vivo d'isso. Elle passeia, como synthese da congregação ovante, por entre luz e ouro, espalhando a Fé sob uma selecção justa.

Ahi fica, n'essas linhas, a minha homenagem sã á obra dos eleitos, no dia do seu 3.º anniversario.

Curityba—3—901.

Idio Costa.



Duende

A Thales Saldanha

Depois de percorrer os capitulos brancos do sacratissimo Evangelho do meo Amor, illuminado pelas irradiações suavissimas e castas d'uns olhos—Soes!— onde minha Alma sorve o balsamo da Luz; depois de reler as paginas d'esse Missal, escripto em caracteres coloridos com lagrimas de sangue; eu, na recordação saudosa d'uma era feliz, agora extincta, senti batidos soando á porta do meo casebre.

Talvez um Poeta que distrahido pela scintillação dos Astros se perdesse nos invios cêrros destas paragens remotas, inhospitas.

—Quem és, oh! importuna visita de horas mortas? Não vês que o meo casebre é pobre e que não posso dar-te agasalho a horas taes?

—Abre, que venho de muito longe.

—Se tens fome, ouve: o pobre não tem pão mais que para um dia; se tens sêde, escuta: lá baixo murmura uma fonte chrySTALLINA. Bebe que a agua é pura e fresca. Boa noite.

—Abre, senhor. Não trago nem fome e nem sêde. Venho de longe, arrasando thronos, decepando cabeças, dilacerando corações...

—Por Deos! És um louco...

—Não! Sou a palavra do Omnipotente na vibração invizível do Mysterio: —o Destino—e venho trazer-te a Fé que te desampara. Abre, logo, que o Tempo passa veloz a eu tenho que acompanhar o seu corsel fogoso.

Não foi um sonho! Edgard Põe talvez, não visse com tanta nitidez o extraordinario «Corvo» pousado sobre o busto de Pallas como eu vi o vulto extranho do Destino transpor os umbraes do meo casebre e occupar a cabeceira da minha meza.

Seo aspe.to? Ninguem o descreveria n'uma successão de seculos sem termo. Fallou:

—Evocavas alguma cousa quando eu passava. Proferias um nome cujos caracteres eu leio muito bem n'esse coração, tantas vezes ferido por mim proprio, e n'esse olhar tão espavorido ante a minha mysteriosa presença. Tens Amor. E essa flor symbolica de tua Alma de Poeta tem sido, mil vezes, rociada por amargurado pranto.

Tens muito que chorar ainda. Mas, não te desespere a lagrima. Ella sendo o occaso da Dôr é o prenuncio do Riso. Não te desapegues nunca da Esperança que incognitamente tenho lançado em teu seio, porque o consorcio de tua alma, á alma irmã da tua, celebrou-se já nas celagens do Céu...

Em breve irás sentir de novo as agruras da Ausencia.

Adhaíl partirá para longe de ti. Mas lá nessas regiões longinquoas e estrangeiras encontra-a-hás, pelo espirito, absorvida na Dor de uma Saudade infinda pensando em ti, com as faces entre as mãos pousadas...

Adeos, Poeta. Sê forte no teu Desespero como o tens sido no Amor, porque... Deos não é tão impiedoso como parece. Adeos!...

Quando a porta se fechou, com um ruido abafado, vi-me encerrado como dentro d'um esquite, hirto, frio, pallido, só...

E na allucinada recordação d'essa Visão phantastica, ainda escuto a vibração dolorosa destas palavras:

«Sê forte no teu Desespero como o tens sido no Amor.»

«Irás sentir de novo as agruras da Ausencia!...»

1901.

Lette Junior.



Simple Dialogo

A' Lucidio Correia

—Quero crêr que o teu sentimento seja irmão siamez do meo, podes então avaliar todas as mudanças que soffre um coração sincero.

—Duvidas?...

—Sim e não. Comprehendes perfeitamente, porque o teu sentimento é irmão siamez do meo...

Triste fiquei por não poder ouvir de teos labios, hoje pela manhã, os monosyllabos de sempre; triste por vêr fechadas as janellas da casa que te serve de ninho, ninho de petalas de rosas e de teos beijos feito; triste do teu apparecimento tarde e de não o ter aproveitado, d'elle me approximando. Talvez nenhum sentimento te despertou a minha fuga...

—E o que desejas agora que é tudo passado?

—Desejo que me digas alguma cousa, se o teu pensamento andou em revoadada pela casa que te serve de ninho, ninho de petalas de rosas e de teos beijos feito.

Quero crêr que o teu sentimento seja irmão siamez do meo...

Lucadio Correia.

REGAÇO

Meu adoravel Leocadio

Para a festa da tua revista, vê bem! não trago lyrios e nem trago rosas.

Somente como um d'aquelles oradores «das priscas eras que bem longe vão» eu direi: — duas palavras, meus senhores.

O Sapo é um trecho claro e suave da nossa mocidade côr de oiro.

Ao abrir esta jarnella que deita para o céu refulgido e sereno do passado, eu quizera colher estrellas para semeal-as todas no caminho triumphal da tua revista.

Nós surgimos quasi no momento em que a tua folha surgiu.

E como era bello esse tempo de luar e de Riso!

Vinhamos então despertando ao clarão da madrugada, entre canticos d'aves, sorrindo sob o céu de Abril desse passado tão lindo!

Traziamos fluctuando sobre a fronte sonhos alvos e coroados de roza, como grinaldas dos deuses pagãos.

E viemos descuidosos pelos caminhos em flor, entre psalmos e alleluias e esperanças verdes.

Eram tantas e eram tão lindas!

O Sapo guarda bem grande parte desses ideaes da nossa primavera cheia de só!

A tua revista, Leocadio, vem connosco pela estrada da vida, a rir, a delirar e a batalhar.

Quantos annos lá se vão! E parece que foi hontem que partimos.

A ti e aos teus dignos companheiros de trabalhos, guerreiros de espada ao só, em defesa desta folha de arte, hoje envia abraços quem rozas e lyrios não tem para enviar.

Do teu

Santa Rita Junior.

ATHLETA

Ao Adolpho Werneck.

Eu sinto que um poder occulto me domina,
Uma acção vigorosa impelle-me p'ra luta;
Vibra em todo meu ser uma energia bruta,
Uma coragem louca, indomita e leonina.

Nada pode tolher a marcha resoluta
Que esta minha vontade infrene determina,
Embora á minha frente aviste a guilhotina
Ou tenha de esgotar um copo de cicuta.

Eu sou como os heroes, os medievos guérreros,
Que sem temer a morte, altivos, sobranceiros,
Em busca de laureis, se empenhavam na luta.

Impavido e sereno irei galgando a escada
Que nos conduz do amor a plaga desejada
E nunca hade faltar-me esta energia bruta.

Florido Cordeiro.

Saudações Gordians

Mais um anno hoje completa
Nas lutas do Journalism, o
Com rarissimo altivismo
«O Sapo», fidalgo estheta.

Benjamin Leite.



Amigos Leocadio e Leite Junior

Inutil será dizer, não corresse o risco de conservar-se em branco a presente columna d'*O Sapo*, no dia do seu 3º anno de existencia, o que seria ainda muito mais grave, e por certo que, não os aborreceríamos agora com a nossa desengonçada e chocha prosa de burguezes chatos e nullos que somos.

Ao desastre eminente vimos porem, oppor as nossas pennas, e occupal-a para prestar as homenagens devidas ao querido batrachio.

**

Não resoão no ar, como era de esperar, o echo estrondoso dos applausos das multidões, aclamando com entusiasmo a entrada triumphal (...deixem passar...) d'*O Sapo* no seu anno novo.

Effectivamente, parece-nos vel-o n'um arranco supremo de impotente, sentido por essas mesmas multidões, arquejante, exausto de fadiga, galgar vascillante o seu 3º anno de luctas, que devera ser-lhe, o affirmamos, exuberante, cheio de novos louros, de novos e victoriosos combates, porque, caros amigos, *O Sapo* tem sido inquestionavelmente, um tenaz e sempre victorioso combatente.

Sentimos por isso mesmo uma angustia mortal, um desespero atroz, que nos avassala de todo, ao vermos a nossa obra de hontem por assim dizer, amparada hoje, pelo vigor de teus braços de Athletas, baquear estupidamente, como tantos outros!

Permittam-nos pois, carissimos amigos, que apezar dos pezares, ergamos mais esta vez o nosso costumeiro — Viva o Sapo!

Dos amigos de sempre

F. Saldanha

G. Ribeiro.

Curitiba, 6 de Março de 1901.

AO SAPO

Entra, hoje, o SAPO em seu quarto anno de existencia.

Ah! mas como está differente... Quando elle nasceu, agitava bem alto uma flammula verde: era o pendão da Esperança que fluctuava, muito bello! ao alto do tendilhão do periodico recém-nado...

E foi lutando, e foi arrastando os mil peguilhos que surgiam, aqui e ali, gladiando varonil na arena inçada de tropeços... Feliz delle, que, como Minerva, já sahira inteiramente armado e biindado do cerebro dos que planearam, um dia, fundal-o.

O SAPO nascêra forte e viril. Por isso é que elle triumphou dos obstaculos, que se antepõem ordinariamente á marcha dos orgãos incipientes. E triumphou em toda linha, conquistando a sympathia geral.

Mas como está differente... Quando elle nasceu, agitava bem alto uma flammula verde...

Hoje,— eil-o, meus senhores! — nos seus braços robustos arfa, galhardamente, a bandeira da Victoria, e em sua frente fulguram corôas de loureiro...

Braz Cubas.

CONVICÇÃO

Já me disseste, censurando os poetas,
Que todos elles em seus versos maus
Veem nas escuras pedrões quietos
A luz d'um sol de quatrocentos graus.

E cita-te um exemplo bem frisante:
Morre a um dos tuos a simples namorada...
Do apodrecido coração da amante
Rebentam lyrios brancos de geada.

E o trovador, no dia de finados,
Ao visitar lhe o derradeiro leito,
Não tem para elle a simples flor dos prados,
Antes, de lá traz uma flor no peito!

Quanto á esta parte, tens razão, querida...
Eu levaria as flores d'um jardim!
E se no mundo algum d'isto duvida,
E' deixares o mundo antes de mim!

Garrone.

ILLUMINURA

Carla, de final de inverno quando não chove e sobre os terraços poentes cahe o opalescente manto de fumaça espessa, que se accumula aqui e ali, e cança a alma de tanto entenebrecimento.

Depois do tristonho inverno, vem a primavera que já se annuncia nas alvoradas frescas e orvalhadas; as torradas folhas cahem em estilhaços que o vento leva e traz, crepitando aos pés, e brotam de novo nos ramos frageis, ponteados após em flores festivosamente.

Alvoradas frescas,—uma esperança...

* *

E chegam nestas horas, uma a uma, as recordações de passados sonhos que fugiram caprichosamente

como as nuvens em occulto céu, mas que não voltam com a primavera que espalha e rompe aquelle manto de fumaça espessa. Por vezes, uma nesga fragil de nevoeiro triste deixa passar um raio de sol, réstea de luz amortecida que doira em reflexos os pequenings vidros da capella gothica, e força-nos a desviar o olhar da paisagem enlanguescida, para mergulhal-o em contempplações occultas...

Restea de luz,—uma duvida...

* *

Aos poucos, tristonhamente, vae morrendo a tarde, amortecendo a luz, e mais raro tornam-se os frequentadores do solitario bairro, agora mais direito e calmo.

Avés que se aninham, pipillam nas cerradas moitas dos pinheiros esguios balisando a área em confusão fantastica, e entregam-se á quietação dormente das noites enluaradas.

Pipillos d'aves,—uma queixa, uma oração...

* *

Attenua-se, então, a melancolia dos nevoeiros densos; adormece a alma, recorda e sonha com a visão fantastica das venturas mortas.

Um nada faz tremer as nossas pupillas, fatigadas de uma miragem louca que não se accentua nitidamente e que se levanta do brazeiro já quasi extincto, onde crepitam ainda as illusões finadas;—e, da agonia do sol como que nasceu aquellas recordações e chegam em scismas doces, amoraveis e ternas, confortando a alma na poesia de uma saudade...

Sombras da noite,—uma saudade...

Fidel Yori

Distincções

Temos a intima satisfação de registrar o recebimento da «*Psalmodias*» livro de contos do Sr. Josaphat Bello, que modestamente se occulta sob o pseudonymo de Fidé Yori, publicado em 1898, em Minas.

Da sua leitura resta-nos a deliciosa impressão de quem acompanhou por momentos as pulsações d'um coração que vibra apaixonado aos osculos do Amor, a hostia branca que se communga nos Templos da Ilusão.

Esse livro, que mereceu algumas referencias lizoageiras de Coelho Netto, com quanto não seja uma verdadeira joia litteraria, é um escriptorio que encerra alguma cousa de valor.

Gratos pela distincção agradecemos-lhe a remessa do bello conto que estampamos no presente numero.

Abrimos hoje as columnas d'«O Sapo» para acolher as suggestivas produções do Sr. Vivaldi Coaracy, um dos que tambem palmilha a *via-lactea* do Sonho.

Aos que corresponderam á circular que enviamos solicitando collaboração para o presente numero do «Sapo», commemorativo ao 4º anniversario do seu nascimento nas pugnas pela Arte, evidenciamos o nosso elevado e sincero agradecimento.